

Espaços de formação, sociabilidade e organização política: um olhar para as residências estudantis universitárias a partir do contexto ibero-americano (século XX)¹

Formative spaces, sociability and political organization: a glance at university student housing within the Ibero-American context (in the 20th century)

Marcos Hinterholz

Email: marcosluiz4@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Brasil

Tatiane De Freitas Ermel

Email: t.defreitas.ermel@uva.es

Universidad de Valladolid. España

Resumo: O artigo pauta a temática das residências estudantis universitárias na perspectiva da história da educação e a partir do contexto ibero-americano no século XX. São contemplados casos do Brasil, Espanha e Portugal, por meio dos quais se buscou pensar a gênese, os modelos de organização e financiamento desses espaços de habitação coletiva. Igualmente foram inventariados, nas bases de dados dos referidos países, estudos acadêmicos sobre o tema, com foco nas abordagens e problematizações levantadas por essas pesquisas. Também foram consultados arquivos universitários e das próprias residências. A investigação permitiu constatar que: as

¹ Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa *Connecting History of Education. Redes internacionales, producción científica y difusión global (CHE) / Connecting History of Education. International networks, scientific production and global dissemination (CHE)* (Ref.: PID2019-105328GB-I00. Convocatoria 2019 - «Proyectos de I+D+i». Ministerio de Ciencia e Innovación. España).

residências estudantis são um fenômeno intrínseco às universidades e dos fluxos migratórios dela decorrentes; que são diversas as nomenclaturas encontradas, tais como *alojamentos*, *colegios mayores*, *casas de estudante*, *residências universitárias*, *fraternidades* e até o sugestivo nome de *repúblicas*; que as residências estudantis universitárias transcendem a função de mero alojamento, convertendo-se em espaços de sociabilidade, intercâmbio, formação e de organização política; que a fundação, administração e financiamento desses locais deu-se tanto por políticas governamentais e ou das próprias universidades, bem como por iniciativas particulares, mecenas, grupos políticos, religiosos, de nacionalidade, entre outros laços de comunidade e pertencimento.

Palavras-chave: história da educação; residência de estudantes; formação universitária; intercâmbio de estudantes; associação estudantil.

Abstract: This paper discusses university student housing from the standpoint of the history of education and within the Ibero-American context in the 20th century. It encompasses the cases of Brazil, Spain and Portugal, seeking to understand the genesis, organization models and funding of these collective housing spaces. We have also collected, from the aforementioned countries' databases, academic studies on this topic, focusing on the approaches and problematization posed by such studies. In addition, we have resorted to files provided by the universities and housing places themselves. Our research allows us to conclude that: student housing is a phenomenon intrinsic to universities and to the migratory flow they engender; that there is a wealth of terms to name these places, such as *lodgings*, *colegios mayores*, *student houses*, *university housing*, *fraternities* and even the suggestive term *republics*; that university student housing transcend their function as mere lodgings, and become spaces for socializing, exchanging ideas, formation and political organization; that the foundation, administration and funding of such places was carried out both by public policies and university policies, as well as by patronage and by political, religious and national groups, among other sorts of community and ties of belonging.

Keywords: history of education; residential colleges; university studies; student exchange; student association.

Received / Recibido: 08-09-2022

Accepted / Aceptado: 14-04-2023

1. Introdução

Julgou-se infeliz, sacrificado nas suas aspirações, no seu ideal. Precisava viver, gozar sem limites... Não ali, perto da família, estudando miseráveis lições no Liceu, mas além, muito além, onde não fosse conhecido, onde tudo para ele apresentasse surpresas de uma outra vida, atrativos de um mundo vasto, enorme, tão enorme, que sua imaginação mal podia delinear (Azevedo, 2005, p.49).

Sair de casa e lançar-se ao mundo. Gesto de coragem e desprendimento, motivados pela curiosidade e pelos sonhos, como descritos pelo brasileiro Aluísio Azevedo em seu romance naturalista *Casa de pensão*, publicado em 1884. Nesta obra encontramos o jovem Amâncio, que, vindo do Maranhão para estudar Medicina no Rio de Janeiro, depara-se com a questão sobre onde morar. Pode-se dizer que movimentos como esse são bastante comuns e estão intrinsecamente ligadas ao ensino de nível superior. Um movimento de experimentação, de perigo, de travessia, de abertura para o mundo, para o estranho e o estrangeiro. Uma possibilidade de

existir e experimentar-se em outros espaços. Um deslocamento espacial, mas também um deslocamento de si mesmo.

Mas junto à necessidade e/ou o desejo de deslocar-se de cidade, de estado ou de país, surge o problema sobre onde morar, como alimentar-se, enfim, como manter-se no novo lugar. Questões sem dúvida de primeira ordem, como pode ser observado nas memórias de Carlos Moya, professor de Filosofia, ao lembrar de sua experiência como ex-residente do *Colegio Mayor San Juan Ribeira*, da cidade de Valência, Espanha. Após ter sido selecionado nas provas do Colegio Mayor, que lhe permitiram obter uma bolsa para realizar seus estudos universitários, ele recorda das lágrimas da mãe, que representavam além da alegria de ver o filho aprovado, um alívio econômico para a família: «yo percibí también en esas lágrimas las grandes dificultades que entonces habrían tenido mis padres para sufragar mis estudios en Valencia y el consiguiente alivio que para ellos suponía esta beca» (2016, p.10).

Examinando aspectos que transbordam o sentido de ordem prática, o estudo tem como objetivo analisar a história das residências estudantis no cenário ibero-americano, mais especificamente, os casos de Brasil, de Espanha e de Portugal, priorizando suas experiências e configurações no século XX. Indo do geral ao específico, discute-se a multiplicidade de modelos e formas de organização das moradias estudantis e como essa questão esteve em pauta desde a formação das primeiras universidades. Problematiza-se esses espaços em suas dimensões educativas e como um fenômeno inerente à educação superior. Portanto, as moradias de estudantes são compreendidas como espaços extensivos às universidades, a partir das suas ocorrências nesses três países. Além de descrever os modelos de residências, a pesquisa faz referência às abordagens que têm sido realizadas pela produção acadêmica.

Entendendo a história da educação como o lugar de encontro entre a história e a educação (Viñao, 2000), e a polissemia do conceito de educação como principal base da epistemologia das ciências da educação (Magalhães, 2004), buscou-se, através desse estudo, pensar as residências estudantis como um polo estendido da vida universitária. Trata-se, portanto, de um esforço de renovação hermenêutica sobre estruturas que tradicionalmente foram vistas como acessórias ou meros alojamentos, num movimento de abertura para as dimensões da sociabilidade, dos intercâmbios, da organização política e as dimensões formativas das vivências nessas coletividades. A pesquisa documental e bibliográfica foi realizada a partir da consulta de bases de dados (TESEO/Espanha), banco de Teses e Dissertações (Capes), fundo do Serviço Nacional de Informações (SNI) do Arquivo Nacional (Brasil), publicações bibliográficas, arquivos universitários e das próprias residências.

2. Uma história das residências estudantis na longa duração

A história da moradia estudantil confunde-se com a história das próprias universidades. No assim chamado mundo ocidental, no contexto da passagem do século XII para o XIII, Jacques Le Goff (2019) fala da existência de uma «vagabundagem intelectual» na França, em decorrência do crescimento demográfico, do desenvolvimento do comércio e das cidades. Um fenômeno que

lançou nas estradas e encruzilhadas «audaciosos e infelizes» que criticavam a sociedade estabelecida e escandalizavam os espíritos tradicionais. O estudante desse período, sem renda, sem bolsa e sem qualquer garantia, parte para uma aventura intelectual, seguindo o mestre que lhe agrada, «recolhendo de cidade em cidade migalhas dos ensinamentos nelas ministrado» (Le Goff, 2019, p.49).

Esse estudante medieval, sobretudo no século XII, é, em alguma medida, um deslocado, pois o seu lugar social ainda não está claramente definido². Precisa firmar-se, assim como a própria função da ciência, ao lado da função religiosa e da função político-guerreira. O novo trabalho intelectual é a união, no espaço urbano e não mais monástico, da pesquisa e do ensino. Esse «trabalhador das ideias» e «vendedor de palavras» passa a integrar as corporações de mestres e estudantes, ou seja, as nascentes universidades. Esses novos profissionais logo encontrariam seu lugar na gênese urbana do Ocidente medieval, tornando-se servidores da Igreja e do Estado, um «viveiro de altos funcionários» (Le Goff, 2019, p.10). É nesse sentido que as universidades, mesmo em sua formação incipiente, passam a acenar com uma possibilidade de ascensão social, tornando-se atrativas também para estudantes empobrecidos. Embora a maioria dos alunos fosse de origem nobre e depois burguesa, a universidade permitiria o acesso de um certo número de jovens camponeses (Le Goff, 2019).

Assim, pouco a pouco, o lugar social da universidade e a figura do estudante se consolidam e conquistam prestígio e poder. Mas em termos geográficos, esse estudante seguiu sendo um deslocado, pelos fluxos que o faziam partir de regiões as mais remotas em direção aos grandes centros universitários em busca de formação. O recrutamento de professores e alunos nas universidades do medievo tinha um caráter internacional e católico, possível graças ao Latim, então «idioma universal» (Ulmann; Bohem, 1994). É emblemático o caso da Universidade de Paris, na qual as escolas catedrais tornaram-se *Studium Generale*, expressão que significava não um lugar onde todos os assuntos eram estudados, mas um lugar onde estudantes e professores de todas as partes eram recebidos (Rashdall, 1895). O espírito da universidade é o espírito da urbe, do encontro, na interação com o outro. É neste sentido que a história do desenvolvimento das universidades e das cidades está intimamente ligada.

O trânsito internacional de estudantes e professores tornou possíveis as permutas intelectuais, e devido ao grande afluxo de jovens às cidades, logo fez surgir a preocupação com os alojamentos. Uma solução encontrada foi a criação dos chamados *collegia*. Estes consistiam numa casa ou grupo de casas com leitos estudantis, refeitório, biblioteca e salas para estudo, formando uma espécie de instituição de caridade mantida por mecenas, a fim de garantir a possibilidade

² No prefácio da segunda edição de *Os Intelectuais na Idade Média*, publicada em 1985, Jacques Le Goff (2019) aponta para a evolução dos dados de pesquisa ocorrida desde a primeira edição da obra em 1957. O autor destaca as informações sobre a vida cotidiana de professores e estudantes daquele período: seus métodos e ferramentas de trabalho e estudo, sua escrita e leitura, onde moravam, como se vestiam, o que comiam, como empregavam seu tempo, seus costumes, suas diversões, suas condutas sexuais, sua morte, seus funerais e túmulos. Ou seja, nesse período teria-se construído uma espécie de «antropologia dos intelectuais medievais» (Le Goff, 2019, p.16).

de um teto e sustento aos estudantes. Para se ter ideia da amplitude desse fenômeno, antes do ano 1400, o departamento francês do Sena contava com 30 estabelecimentos como esses. Já em 1500, somente em Paris poderiam ser encontrados 50 exemplares (Ulmann; Bohlen, 1994). Muitas vezes as aulas eram ministradas nesses albergues, posto que, nas décadas iniciais de sua fundação, a maioria das universidades ainda não possuía prédios próprios. Em alguns casos, tais locais adquiriram tamanha notoriedade que acabaram tornando-se o principal centro da vida universitária, passando mesmo a designar a universidade como um todo. É notório o caso do *Collegia Sorbona*, fundado em 1253 por Robert Sorbon, e que mais tarde, no século XVI, daria nome a toda a Universidade de Paris. São inúmeras as ocorrências desses albergues estudantis em toda Europa medieval, com exemplares em Bolonha, Oxford e Cambridge, o que indica a abrangência desse fenômeno (Ulmann; Bohlen, 1994).

Como se pode notar, a história das habitações coletivas para estudantes confunde-se com a própria história das universidades. Em linha com o escopo do presente artigo, passamos agora a analisar os casos no contexto ibero-americano (Espanha, Portugal e Brasil), com especial atenção para o século XX.

2.1. Espanha

A história das residências de estudantes universitários em Espanha possui uma longa trajetória, marcada pela constituição das primeiras universidades europeias e pela necessidade de deslocamento/moradia tanto de alunos como de professores. Valendo-se, especialmente, de exemplos de um gênero de residência, que se denomina *Colegios mayores*, salientamos a coexistência de diferentes tipologias e/ou de sistemas de organização de hospedagem para estudantes e professores que possuem um papel fundamental nesta história, tais como: hospedarias, posadas, repúblicas, pupilagem, dentre outros.

Sabe-se que o primeiro Colegio Mayor espanhol foi organizado na cidade de Bolonha, para acolher os estudantes que realizavam seus estudos nesta Universidade. Denominado Colegio Mayor San Clemente, foi fundado pelo cardenal Gil de Albornoz em 1367 e segue em atividade até hoje, como Real Colegio de España. Além da necessidade de um edifício para acolher estudantes e professores ibéricos, o Colégio San Clemente foi uma instituição que visava a manutenção e formação intelectual e, além disso, de afirmação identitária de diferentes reinos peninsulares: Portugal, La Corona de Castilla, Navarra y La Corona de Aragón (Gil, 2015, p.79-80)³.

A fundação do Colegio Mayor San Bartolomé, em 1401, na cidade de Salamanca, serviu como modelo para uma boa parte dos colégios seculares e, de modo particular, os denominados de Colegios Mayores, que se configuram como um protótipo de excelência, com suas constituições e estatutos próprios (Rupérez, 2003, p.9). Durante a Idade Moderna, somente cinco instituições receberam esse

³ Sobre este modelo, ver: Garcia (2005) e Sánchez (2011). Em 2012 o *Real Colegio de España* em Bolonha recebeu o *Premio Europa Nostra*, em sua primeira categoria, conservação do patrimônio.

mesmo título – contabilizando sete no total - sendo outros três deles também em Salamanca - Colegio de Cuenca, Colegio de Oviedo e Colegio de Fonseca -, o Colegio de Santa Cruz (Valladolid) e o Colegio de San Ildefonso (de Alcalá).

Desde uma perspectiva arquitetônica, o surgimento dos colégios «resultó el marco institucional adecuado para que, tomara forma arquitectónica, la idea de un edificio concebido ex profeso para el hospedaje y la enseñanza de universitarios» (Gil, 2015, p.64). No entanto, esses espaços formaram uma parte minoritária de hospedagem estudantil, pois estas instituições tinham um número limitado de vagas, que recebiam o nome de «becas colegiales». Originalmente, esse sistema de bolsas estava destinado aos estudantes pobres, que não possuíam condições econômicas para financiar os estudos universitários, mas apresentavam boas condições de saúde física, um elevado nível intelectual e bons antecedentes de carácter familiar e pessoal. Com o passar do tempo, esse sistema tomou outros rumos e com consolidação do prestígio dos colegios mayores se generalizou entre os bolsistas um «espírito de casta». Neste sentido, os ex-colegiais estavam obrigados a ajudar os seus antigos colégios e companheiros de modo perpétuo, promovendo uma esfera de privilégios acadêmicos e profissionais, monopolizando cátedras universitárias e os mais altos cargos na administração pública espanhola (Carabias Torres, 2013, p.70).

O alto prestígio e o sistema rigoroso seleção pelo reduzido número de vagas dos colegios mayores permitiram a coexistência ao longo dos séculos de uma série de modelos e tipos de residências estudantis, como por exemplo o de *pupilage*, oficialmente vinculada à Universidad de Salamanca, desde 1538. De acordo com Rodriguez-San Pedro (1983), ao analisar esse modelo de moradia estudantil em Salamanca, entre 1590-1630, constata-se que era realizado um exame prévio do estudante, assim como a supervisão/inspeção da universidade às casas dos professores ao decorrer dos estudos. Cabe destacar que este modelo possuía um «carácter educativo-paternal, en el que a un bachiller se le confía la tutela de un cierto número de estudiantes que viven en su casa, con los cuales realiza funciones de padre y maestro, responsabilizándose de sus estudios, crianza, alimentación, religiosidad, moralidad y costumbres» (Rodriguez-Sans, 1983, p. 187). Outros sistemas de hospedagem estudantil que existiram em Espanha, apesar da imprecisão de suas nomenclaturas, foram as *gubernaciones*, *repúblicas de estudiantes* e os *camaristas*:

Las repúblicas eran «la aristocracia del hambre... quien solos o en grupo montaban casa y a su frente ponían una mujer». Aunque se estima que las gubernaciones son sistemas similares, pues son casas que alquilaba uno solo o en grupo, buscando entre ellos la manera de organizar la intendencia, limpieza, etc. a través de la contratación de personas. En el siglo XVII se había constituido ya en la tipología ideal de alojamiento. Por su parte el camarista es visto como «el que no tiene casa por sí, ni tiene compañía con otro, sino tan sólo alquilada una cámara en alguna posada donde tiene su cama y se encierra en ella, sin tener trato con los demás de la casa». Estos últimos ni siquiera comían en la

vivienda sino que salían a tabernas y mesones para cubrir estas necesidades⁴ (Gil, 2015, p.62).

Uma série de conflitos de interesses com a ilustração de Carlos III marcam a decadência colegial a partir de 1798, acompanhando aberturas e fechamentos que oscilavam entre liberais e moderados no poder (Carabias Torres, 2013, p.71). Já no início do século XX, um dos projetos reformistas desenvolvidos pela Junta de Ampliación de Estudios (JAE) foi a criação da *Residencia de Estudiantes* de Madrid, em 1910, como uma tentativa de renovar o sistema educativo espanhol, com um diferenciado espaço cultural, intelectual e científico (Ribagorda, 2010). Com um intenso programa de atividades e formação desenvolvidos em seus salões de conferências e com a publicação da revista *Residencia* (1926-1943), o lugar se transformou em um círculo de vanguarda da capital espanhola, assemelhando-se a centros universitários de grande prestígio.

Imagem 1: *Residencia de Estudiantes* –Madri



Fonte: Una Habitación Histórica de La Residencia de Estudiantes. Da esq. para a dir.: José Bello, Federico García Lorca, Juan Centeno e Louis Eaton-Daniel (1924), em um dos quartos da Residencia

Depois do fim da Guerra Civil (1936-1939) e a extinção das atividades desta residência, uma tentativa de dar continuidade ao projeto foi realizado a partir da criação na Cidade Universitária de Madrid do Colegio Mayor Ximenez de Cisneros,

⁴ Para o termo «aristocracia del hambre», ver: Martín Hernández (1989)

em 1943. Um ano antes, o decreto n. 68, de 19 de fevereiro de 1942, restaura os colegios mayores em Espanha e estabelece uma série de orientações quanto a sua função educativa e formativa das universidades, englobando tanto os residentes como para demais estudantes universitários, que deveriam estar filiados oficialmente a eles. Com um forte componente de direcionamento político e religioso, retomava o papel de caráter associativo e de constituição de um grupo diretivo da sociedade, que foi impulsionado pelo ministro José Ibáñez Martín (exerceu o cargo entre 1939-1951), enfatizando a educação de uma aristocracia alinhada ao regime franquista e dotada de princípios que considerava genuinamente espanhóis (Veci, 2021).

A reorganização dos colegios mayores em Espanha esteve em grande medida vinculada ao Sindicato Español Universitario (SEU), criado em 1933, e dependente da Falange Espanhola. O retorno dos Colegios Mayores foi defendido no IV Consejo Nacional, realizado no Real Monasterio de San Lorenzo del Escorial, em janeiro de 1940, como um instrumento de formação da juventude espanhola (Bescansa, 1952). Oficialmente, estavam reconhecidos nesta categoria pelo Ministerio de Educación Española, e se dividiram em três principais grupos: Colegios Mayores das Universidades, Colegios Mayores do Sindicato Español Universitario e os Colegios Mayores de fundação privada. Também, se estabelecia a divisão entre colégios masculinos e femininos, sendo que os de segundo tipo seriam criados de acordo com as necessidades e com formação específica para as mulheres. Em Madrid, o Colegio Mayor Feminino Santa Teresa de Jesús, fundado em 1942, foi tomado como modelo para os demais e considerado uma continuidade da emblemática *Residencia de Señoritas* (1915-1939), criada também pela JAE, que desempenhou um papel primordial para a incorporação da mulher no âmbito universitário e de projeção internacional (Vásquez, 2012).

Com a restauração dos colegios mayores, uma série de orientações estavam previstas, tanto para seu funcionamento prático como para o cumprimento de sua proposta pedagógica. Lascaris (1952), salienta a estrutura administrativa, marcada pela centralidade da figura do diretor e, quando superavam o número de cem residentes, também do subdiretor. Ainda, dentro do quadro esquemático desta organização, diretamente vinculado ao diretor estava o secretário, responsável pelo registro geral e da correspondência, administração e serviços, e o chefe de estudos, que estaria responsável pela biblioteca, seminários de estudos e cursos de idiomas. O diretor e os subdiretores tinham conexão direta com os chefes das seções, que poderiam ser, por exemplo, esportiva, cultural e musical, assim como ao corpo de decanos, composta pelos próprios colegiais.

A seleção dos colegiais e o acompanhamento do desempenho acadêmico eram elementos-chave do ingresso e da convivência estudantil. A vida corporativa e associativa – que também previa a associação de ex-colegiais, o estímulo aos esportes, a criação e manutenção das bibliotecas e a participação dos estudantes através da criação de revistas retomavam a tradição dos colegios mayores, com uma ideia de pertencimento ao grupo. Sobre esse último item, cabe destacar a *Revista Cisneros* (1943-1946), vinculada ao Colegio Mayor Ximenez Cisneros, que em sua primeira fase de atividades serviu como modelo de publicação periódica

que deveria ser seguido pelos demais colegios mayores espanhóis⁵. Ao analisar as revistas culturais espanholas no pós-guerra, Díaz Hernández (2007, p.207) destaca que a *Revista Cisneros* visava expressar as inquietudes culturais de um grupo de jovens universitários e, a partir do segundo número, iniciou uma seção denominada «Universidades y Colegios Mayores», pretendia, também, informar as notícias e atividades de outros colegios mayores.

Em 1963, as descrições da vida colegial do Colegio Mayor San Bartolomé (Salamanca) estiveram presentes na *Revista Anaya*, publicação periódica desta residência. Foram relatados, especialmente através das festas universitárias – *Fiesta de los Bartolomicos* e da Festividade de Santo Tomás de Aquino, as relações entre os velhos e novos colegiais através da tradicional *Tuna*, dos passeios pelas ruas de Salamanca, da presença de bebidas alcoólicas nestes eventos, dos banquetes, da nomeação dos colegiados de honra, assim como a abertura do *Club Anaya* (Pedrosa-Avelino, 1963). Uma vertente mais crítica pode ser observada na *Revista Cisneros*, lançada em sua segunda fase em 1968, onde Rafael Castillo tensiona sobre a necessidade de abertura dos colégios para a sociedade, estabelecendo assim contatos com o mundo extra colegial. Destaca além do *standard* cultural e político, o *standard* de atuação dos colegiais, que mesmo se declarando como «comunista o beatnik», gozavam de um status e atuavam de maneira que lhes permitiam viver sem complicações. Desse modo, a instituição era vista de forma negativa e simplista como um «Hotel de señoritos», uma espécie de sociedade em miniatura fechada em si mesma, sem contato com grupos de trabalhadores, políticos e demais profissionais (Castillo, 1968).

Além dos aspectos de formação, de sociabilidade e de orientação política, nos cabe destacar que o *Servicio de Protección Escolar Universitaria* previa, em seu art. 9 (lei de 1942) os tipos de pensões e concessão de bolsas aos estudantes que, atendendo os critérios de adequação política, moral e intelectual estabelecido, necessitavam ajuda econômica para manter seus estudos universitários. O processo de seleção e acompanhamento dos bolsistas estavam condicionados pelo diretor do colegio mayor, sendo que as informações eram mediadas pelo Sindicato Español Universitario (Lascaris, 1952, p.77). Nessa linha de assistência aos estudantes pobres, nos aproximamos das residências universitárias de carácter religioso, que não financiavam os estudos apenas do curso de Teologia e de futuros sacerdotes, mas sim a estudantes de diferentes cursos, após processo seletivo. Em Valencia, um exemplo representativo foi o Colegio Mayor Juan de Ribera, fundado por iniciativa da doação de uma residência pertencente a Carolina Álvarez Ruiz, três anos após a sua morte, em 1916. Em seu testamento, que também consiste na ata fundacional da instituição, está explícita a sua função social, destinada aos estudantes de todos os cursos: «dar ayuda en sus carreras a estudiantes que carezcan de suficientes medios económicos, con aptitud y voluntad propicia para el estudio», y «hacer de estos estudiantes ejemplos a imitar por su fe, ciencia y probidad» (Moya, 2016, p.9). Esta instituição, apesar de não ser reconhecida oficialmente como colegio mayor, estava regida por um sistema de patronato de beneficência e instrução, que fornecia

⁵ Sobre a organização da segunda fase da *Revista Cisneros* e a publicação do primeiro número em 1968, ver Ermel (2021).

albergue e ajuda aos estudantes pobres da Universidad de València e do Seminario de Ciências Eclesiásticas (Lascaris, 1952, p.111).

Desde uma perspectiva de internacionalização e intercâmbios da educação superior, o impulso político direcionado para a ampliação das residências universitárias pode ser visto, também, através da criação de instituições voltadas para a acolhida de estudantes estrangeiros⁶. Assim, os primeiros colégios em Espanha para receber estudantes hispano-americanos foram: o Colegio Mayor Casa de Santa María del Buen Aire, criado em 1943 em Sevilha; o Colegio Mayor Nuestra Señora de Guadalupe, criado em 1947 em Madri; e o Colegio Mayor Hernán Cortez, criado em 1950, em Salamanca⁷ (Lascaris, 1952). O Instituto de Cultura Hispânica, criado em 1945, possuía um caráter de organismo assessor do Ministerio de Asuntos Exteriores de España e concedia bolsas para a realização de estudos neste país. Sobre a acolhida dos estudantes de outras nacionalidades, cabe referir a criação em 1947 da Asociación Cultural Hispanoamericana, que visava proporcionar uma melhor acolhida para estes estudantes estrangeiros e estreitassem os laços acadêmicos e de amizades, em um sentido de união e amor à «madre pátria» (Rodríguez, 1964).

Na década de 1950, os colegios mayores «posicionaram-se como espaços educativos representativos dos impulsos de modernização educacional» (...), sendo um lugar de constantes atividades culturais e educacionais. Dentre as mais destacadas, podemos citar conferências, colóquios, seminários, ciclos de cinema, exposições de arte, recitais folclóricos, concertos, espetáculos teatrais, atividades esportivas, viagens e excursões culturais, cursos de línguas. A maioria deles estava dirigida ao público externo e contava com a presença de diferentes nacionalidades (Ermel e Igelmo, 2022). Na cidade universitária de Madrid, seguindo o modelo do «Nuestra Señora de Guadalupe» foram inaugurados nas décadas seguintes o Colegio Mayor Universitario Casa de Brasil (1962), o Colegio Mayor Argentino Nuestra Señora de Luján (1971) e o Colegio Mayor Universitario Colombiano (1971), sendo administrações vinculadas aos seus países, representados em território espanhol pelas Embaixadas e respectivos Ministérios de Relações Exteriores, e aos estatutos e regulamentos da Universidad Complutense de Madrid.

Podemos observar que, para o caso espanhol, vale evidenciar a diversidade de estudos acerca das residências de estudantes, merecendo destaque sobre os *Colegios Mayores* e os trabalhos acadêmicos que se vem desenvolvendo a partir dos anos 1980. Em uma busca realizada na base de dados TESEO, banco de dados que reúne teses defendidas em Universidades Espanholas, podemos identificar um número aproximado de 22 teses que se associam à história dessas instituições ou que foram especialmente tangenciadas por elas. É possível observar que a maior recorrência de teses recai sobre os colegios mayores mais antigos de Espanha: em primeiro o Colégio San Bartolomé, de Salamanca (ou colegios mayores de Salamanca em geral); Colegio Mayor Santa Cruz de Valladolid e Colegio Mayor San Ildefonso de Alcalá, assim como estudos genéricos que abordam a história dos

⁶ Em 1935 foi inaugurado na Cité Universitaire de París o Colegio de España

⁷ Instituto de Cultura Hispânica foi criado em 1945, como um organismo assessor do *Ministerio de Asuntos Exteriores* da Espanha e fortalecendo as relações com países ibero-americanos.

Colegios Mayores em geral. Para o século XX como recorte temporal, a Residência de Estudantes de Madrid é o objeto mais recorrente de estudo, contabilizando três teses. Também podemos citar estudos sobre o Colegio Mayor de Plasencia y Cuenca, Colegio Mayor de la Asunción e o Colegio Mayor de Valencia.

Outro indício de produção é possível de ser identificada em livros organizados pelas próprias instituições, na maioria das vezes como marcos comemorativos, nos quais são publicados documentos históricos e edições fac-símile de periódicos/revistas. Apenas para citar três exemplos representativos de iniciativas dos séculos XX-XXI, em diferentes partes de Espanha: em 1985, a transcrição por iniciativa da Universidad de Valladolid da Carta de Privilegio de los Reyes Catolicos al Colegio de Santa Cruz (Valladolid), datada do final do século XV; no ano de 2011, a publicação Fac-símile da coleção completa da revista *Residencia*, que foi publicada pela *Residencia de Estudiantes* (Madrid), entre os anos de 1926 e 1934. Mais recente, a obra organizada pelo Colegio Mayor Juan Ribeira (1916-2016), de Valência, que versa sobre a história dos cem anos desta instituição.

2.2. Portugal

Partindo agora para o caso das residências estudantis em Portugal, destacamos as casas que compõem as chamadas *Repúblicas de Coimbra*. A criação desses conjuntos habitacionais remonta ao estabelecimento do «Estudo Geral» em 1290, ato considerado como fundação da Universidade de Coimbra. Em diploma régio de 1309, D. Dinis manifestava sua preocupação com o alojamento e a alimentação de estudantes e mestres da Universidade (Ribeiro, 2020). Assim, promove a construção de casas na zona de Almedina e incentiva os proprietários de imóveis na região a arrendá-las aos estudantes. Quanto à evolução para os modelos atualmente presentes em Coimbra, Manuel Alberto Carvalho Prata (2002) localiza uma primeira ocorrência do termo *república* para estes ajuntamentos no ano de 1836, e busca uma possível origem desta designação na semelhança da forma de governo e organização interna destas casas com a dos Estados republicanos.

Atualmente, existem cerca de 30 moradias estudantis desse tipo em Coimbra, sendo que a maioria delas integra o conjunto chamado de «Universidade de Coimbra - Alta e Sofia», classificada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 2013, como Patrimônio Mundial da Humanidade. A patrimonialização se assenta na transmutação desses espaços em informação material e aporte de conhecimento, num legado instrutivo a ser socializado, o que permite pensar em uma educação para o patrimônio, entendendo este como uma expressão das práticas humanas e produto de processos de revalorização das coisas. A cultura material, portanto, valorizada como forma de criação e um meio das sociedades aprenderem acerca de si mesmos, através das coisas que produzem ou produziram (Escolano Benito, 2017).

No que diz respeito à produção acadêmica sobre o tema das residências estudantis em Portugal, pode-se dizer que este ainda é pouco visitado. Dentre os trabalhos localizados está a investigação de Teresa Carreiro (2004) intitulada *Viver Numa República de Estudantes de Coimbra: Real República Palácio da*

Loucura 1960-70, defendida pela Universidade Nova de Lisboa⁸. A autora centra sua pesquisa no envolvimento dos moradores da *Real República Palácio da Loucura* nas chamadas crises acadêmicas dos turbulentos anos 1960. Carreiro (2004) destaca as *repúblicas* como lugares de fruição e boemia, onde igualmente o debate era provocado, a reflexão incentivada, a contradição evidenciada. Espaços nos quais eram forjadas formas de «saber viver», «saber fazer», «saber dizer». Ainda sobre o universo estudantil de Coimbra, encontramos o livro, *Academia de Coimbra⁹ (1880-1926): contributo a sua História*, de Alberto Carvalho Prata (2012). Na obra são abordadas questões como a presença feminina na instituição, a origem social dos alunos, o real e o imaginário desses estudantes, o periódico acadêmico e sua produção, circulação e recepção, além das moradias estudantis e suas sociabilidades.

Seguindo o fio cronológico, e ainda sobre as repúblicas universitárias de Coimbra, Andrade (2014) pesquisou o modo como funcionam, se organizam e são geridas. A autora considera as Casas como dinamizadoras de cultura e vivência comunitária, já tendo sido inclusive um dos cartões postais da cidade. Faz um apanhado histórico desde o surgimento daquela Universidade e do problema da falta de alojamentos para estudantes. O trabalho está centrado em estudos de caso, tendo por objeto três repúblicas, onde analisa os seus respectivos estados de conservação e as necessidades de readequação dos espaços interiores, sendo sugeridas propostas de resolução dos problemas encontrados, de modo a contribuir para uma melhor vivência desta coletividade.

Para além dessas produções de caráter acadêmico, foi possível localizar o livro de fotografias *Um por cem: um olhar sobre as Repúblicas de Coimbra*, de Margaria Madeira (2009). A autora percorreu e fotografou todas as Casas de Estudante de Coimbra, buscando captar estilos de vida, relações de pertencimento, identidades. As imagens contidas na obra são entremeadas por excertos escritos por Carreiro (2009), já anteriormente citada. No prefácio, lê-se o depoimento de António Almeida Santos, que assim descreve sua passagem por duas daquelas *repúblicas*:

Tirei, enfim, o curso das Repúblicas Acadêmicas que são o mais diversificado, o mais completo e o mais excelente curso de humanidades em regime de interdisciplinaridade de que me foi dado ter conhecimento. Ali se aprende o maravilhoso complexo de qualidades e defeitos, saberes e sentimentos, ideologias e paixões, interesses grosseiros e utopias em que se desdobra o ser humano. Vivi a mais enriquecedora preparação para a vida em

⁸ No âmbito das buscas realizadas na presente investigação, ainda não foi possível localizar a versão original do texto resultante da investigação de Mestrado de Teresa Carreiro que deu origem ao livro *Viver Numa República de Estudantes de Coimbra: Real República Palácio da Loucura 1960-70*, publicado em 2004. A obra faz referência a dita Dissertação, porém a mesma não se encontra na base de dados da Universidade Nova de Lisboa.

⁹ Prata (2012) está se referindo à Associação Acadêmica da Universidade de Coimbra, da qual são membros todos os estudantes que frequentam ou que frequentaram a instituição, independente de inscrição ou pagamento de taxas. Essa associação é composta de múltiplos organismos, e é conhecida genericamente como Academia de Coimbra.

duas Repúblicas de Coimbra: o «Lactário dos Paradoxos» e a República Baco» (em Madeira; Carreiro, 2009).

Este trecho do depoimento de Almeida Santos traz uma marcação bastante acentuada da dimensão formativa atribuída a sua passagem pelas residências estudantis portuguesas. Note-se que a narrativa busca, num primeiro momento, associar essa formação a de tipo escolarizado e formalmente instituído, na medida em que fala de sua passagem pelas repúblicas de Coimbra em termos de um «curso de humanidades em regime de interdisciplinaridade». Por outro lado, refere essa mesma formação como uma preparação para a vida, e, ao falar da aprendizagem de sentimentos, paixões e utopias, remete também para o que ela pode ter de imponderável. É de Coimbra que igualmente chega o caso de uma curiosa festividade, os chamados *Centenários*, festa de comemoração que ocorre anualmente em cada uma das Casas. Conforme Carreiro (2009), diz-se que um ano numa *república* de Coimbra vale por cem, daí o nome daquelas festas.

Tanto nas produções acadêmicas, como nas de caráter mais memorialístico, portanto, é possível perceber a busca por sentidos que qualificam o espaço das repúblicas estudantis portuguesas para além de sua finalidade precípua, qual seja, a de um teto sobre o qual se abrigar durante os anos de estudo universitário. Embora ainda pouco expressivas, as pesquisas sobre o tema têm indicado as potencialidades das miradas para essas organizações a partir das perspectivas da história e da educação, em um movimento de complexificação dessas coletividades estudantis, nas suas dimensões políticas, culturais, éticas e formativas.

2.2. Brasil

Pensando a moradia estudantil no Brasil, e dentro da lógica de que se trata de um fenômeno intrínseco ao ensino de nível superior, poderíamos remeter à origem das casas de estudante brasileiras à fundação da Faculdade de Medicina na Bahia em 1808, impulsionada pela chegada da família real ao Brasil. Posteriormente, em 1876, houve a criação da Escola de Minas, em Ouro Preto, durante o reinado de Dom Pedro II, em que a necessidade de que alunos e professores fixassem moradia na cidade fez com que nela florescessem inúmeras *repúblicas*, que acabaram tornando-se o centro da vida estudantil e símbolo da região. Segundo Machado (2014), as casas de estudante brasileiras tiveram influências do modelo português, mais notadamente de Coimbra, berço das academias de Portugal e do Brasil.

A partir de então, as sucessivas reformas institucionais, paralelas ao desenvolvimento econômico e suas conseqüentes transformações urbanas e sociais, possibilitaram o rápido crescimento do ensino superior brasileiro. Neste processo, duas características importantes fizeram-se notar: sua expansão tardia e a presença marcante do setor privado, que hoje é responsável por um percentual de matrículas maior que o do setor público (Salata, 2018). Sublinhe-se ainda o grande número de Instituições de Ensino Superior (IES) existentes no Brasil (33 mil cursos de graduação em 2.364 instituições de ensino superior¹⁰) e a diversidade e

¹⁰ Conforme dados divulgados em 2015 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

complexidade das suas formas de organização e financiamento, característica da qual decorre o fato de nunca ter existido uma legislação unificada, em nível nacional, acerca dos moldes da assistência a ser oferecida aos estudantes. Pelo caráter de autonomia administrativa e de gestão dos recursos financeiros, cada IES possui suas próprias iniciativas para essa área. Há ainda a ocorrência de organizações de moradia estudantil sem vínculo formal com nenhuma universidade. Diante disso, seria necessário inventariar cada uma dessas instituições, a fim de construir um panorama dessa assistência e os moldes nos quais é oferecida, o que foge do escopo deste trabalho.

Contudo, é possível identificar que, a despeito da grande variedade de modelos de organização e financiamento, de um modo geral, a questão da residência estudantil no Brasil historicamente foi tratada na chave da assistência, com foco no atendimento dos estudantes de baixa renda e sem recursos para manter-se nos centros urbanos universitários. Ainda assim, as vagas e as verbas destinadas às entidades independentes ou órgãos ligados às universidades sempre estiveram aquém das demandas. Especialmente as organizações autônomas sofreram e sofrem com a precarização das condições de habitabilidade dos prédios. É o que se nota nas pautas da Secretaria Nacional de Casas do Estudante (Sense), entidade que visa representar as casas de estudante brasileiras. Em relatório do Serviço Nacional de Informações (SNI), de 1978, além de demonstrar a preocupação dos agentes do Regime Militar com as movimentações dessa entidade, trazem detalhes sobre as pautas discutidas naquele ano no III Encontro Nacional de Casas de Estudantes, realizado em Porto Alegre-RS. O documento reproduz, na íntegra e como anexo, aquilo que foi classificado pelos militares como um panfleto, mas que possui características de periódico (conta com identificação do número da edição, um editorial e 11 páginas) intitulado *Sem Rodeios (3ª edição) – Órgão de divulgação dos moradores das Casas de Estudantes da Secretaria Sul*, nos quais são denunciados os principais problemas e apresentadas reivindicações das residências estudantis brasileiras. Entre outras coisas, pode-se ler na seção destinada ao editorial:

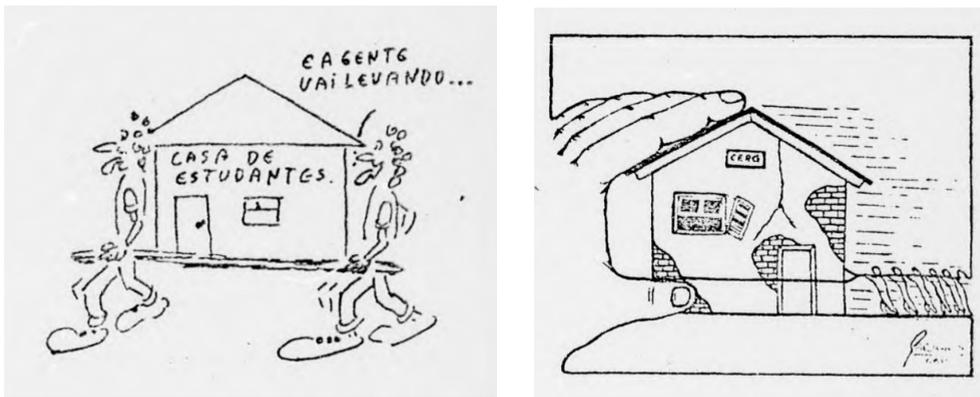
São as rachaduras nas paredes ameaçando o seu rompimento. São os cupins roendo mais uma viga. São os negociantes da especulação imobiliária esperando que a casa caia ou então procurando por alguém que as venda barateiramente, para que ali possa ser erguida mais uma «vultosa obra». É a Igreja, proprietária e também responsável por interesses coletivos, mas que não apenas se omite em dirigi-los a favor dos estudantes, como se opõe a eles. É também o Estado, que somente se digna aplicar alguma verba na manutenção das casas quando pode obter favores e a própria autonomia em troca daquilo que é, acima de tudo, uma das suas obrigações. Diga-se de passagem, que o governo cada vez mais busca desincumbir-se de suas obrigações com o ensino (Sem Rodeios/Sense, 1978, p. 02).

O texto em excerto denuncia a precariedade das condições dos prédios que abrigam as organizações de moradia estudantil, especialmente as autônomas, e a

Anísio Teixeira (Inep).

omissão do Estado para com o financiamento e a manutenção das residências. Do mesmo modo, são dirigidas críticas à Igreja, em provável alusão às Casas mantidas pela Juventude Universitária Católica (JUC) e à especulação imobiliária, que estaria interessada na deterioração das moradias. Como se pode observar na imagem 2, o mesmo impresso traz diversas charges através das quais busca reforçar a debilidade das condições de habitação e de como, a despeito das dificuldades, os estudantes «vão levando», ou seja, vão mantendo as organizações em funcionamento.

Imagem 2: Charges denunciando a precariedade das residências estudantis brasileiras em impresso distribuído no III Encontro Nacional de Casas de Estudantes (1978).



Fonte: Impresso Sem Rodeios (3ª edição) – Órgão de divulgação dos moradores das Casas de Estudantes da Secretaria Sul. Relatório do SNI sobre III Encontro Nacional de Casas de Estudantes (1978). Arquivo Nacional.

Além das denúncias sobre as dificuldades de ordem financeira e as instalações insatisfatórias das residências estudantis brasileiras, o documento em análise vem bastante marcado pela atribuição de um caráter formativo da experiência de habitar coletivamente:

Qual seria o nível político das pessoas se elas crescessem e se educassem morando coletivamente? A moradia estudantil pode ser vista como uma alternativa de vida, em contraposição à forma conservadora e reacionária que é a família. (...) A experiência de vida em moradia estudantil desenvolve os indivíduos que procuram se posicionar frente aos problemas sociais. É como um quartel, onde indivíduos entram tímidos e crus e saem senhores de si, com a diferença de que lá, o indivíduo se assume obrigado pela autoridade militar, sobre um caráter competitivo e individualista, o sujeito aprende a acatar ordens, tornando-se «responsável» e trabalhador, enquanto numa moradia estudantil, o indivíduo aprende a ser livre e se libertar dos preconceitos familiares, assumir o novo estilo de vida, trabalhar em comunidade, viver, enfim, coletivamente,

negando a autoridade familiar e do Estado. (...) A moradia estudantil pode, portanto, ser identificada como uma forma mais evoluída de convivência humana, contribuindo decisivamente para a formação do novo homem (Sem Rodeios/Sense, 1978, p. 05).

A residência estudantil como espaço de formação política de um novo homem, como alternativa de vida ao conservadorismo e reacionarismo das famílias, no qual é possível assumir um novo estilo de vida, livre de preconceitos e negando a autoridade do Estado são alguns dos enunciados presentes nesse impresso e nas pautas do III Encontro Nacional de Casas de Estudantes. Tais formulações remetem à ideia de que, concomitantemente ao deslocamento espacial em direção aos centros urbanos em busca de um diploma universitário, ocorreria, no espaço das casas de estudante, e em função da convivência coletiva ali experimentada, um deslocamento do sujeito em relação a si mesmo e a possibilidade de novas formas de existência. Como se observa, mais uma vez estamos diante de sentidos construídos sobre as habitações para estudantes que transbordam a ideia do alojamento ou da mera assistência.

Essa dimensão de espaço de sociabilidade tem marcado as abordagens da produção acadêmica brasileira sobre o tema. Um dos primeiros estudos de fôlego pode ser encontrado em Martins (1992), no qual a autora examinou como uma categoria específica de mulheres, estudantes universitárias moradoras da Casa da Estudante Universitária de Curitiba (Ceuc), viveu a experiência da individualização. Martins (1992) enfoca ainda as formas de construção, naquele espaço, das identidades femininas à luz das representações sobre o feminino vigentes nas décadas de 1950 e 1960 no Brasil. A busca partiu das significações da Casa para o grupo em questão, prospectadas nas entrevistas com ex-moradoras e nos registros contidos nos «livros de plantão»¹¹, utilizados pelas estudantes como uma espécie de diário. Ali foram registrados desejos, angústias e ambições destas jovens, suas expectativas em relação ao futuro e o que a Casa representava para seus projetos individuais e o de suas colegas moradoras. A Ceuc é abordada como um espaço de ambiguidades e tensões, onde se relacionam valores dos domínios público e privado¹².

Seguindo no levantamento de pesquisas brasileiras que tematizam as residências estudantis, temos a investigação de Machado (2012), intitulada *Em busca de um mesmo «CEU»: estudo antropológico sobre (Ex) Moradores da Casa do Estudante da Universidade Federal de Santa Maria*. O trabalho buscou pensar o cotidiano de moradores da referida Casa e os tipos de produção de vínculos, do sentimento de pertença, da representação e vivência desta condição. Neste empreendimento, Machado (2012) faz uma contextualização e descrição densa do universo da moradia, com vistas a uma análise dessa coletividade. Pensa, sob

¹¹ Era nos «livros de plantão» que as moradoras da Ceuc registravam diariamente as ocorrências da Casa, entrada e saída de pessoas, o cumprimento ou não das tarefas diárias que cabiam a si e as colegas ou qualquer outro fato que considerassem digno de registro.

¹² Neste estudo, Martins (1992) concebe a Ceuc como um espaço público pela sua organização interna, finalidade e formas de acesso, mas ao mesmo tempo privado, na medida em que se constitui como facilitador dos projetos individuais das moradoras.

um ponto de vista etnográfico, o estudante na condição de morador, suas histórias de vida, as sociabilidades naquele espaço, seus conflitos e sua relação com a instituição universitária. Machado (2012) refere-se ainda ao papel dos movimentos estudantis e suas implicações no imaginário apropriado para a construção de uma identidade patrimonial¹³ coletiva ao longo da história da Casa do Estudante.

No mesmo ano, Garrido (2012) pesquisou os efeitos da vivência em casas de estudante para a formação de 32 estudantes, residentes em 8 moradias estudantis de duas universidades públicas baianas¹⁴. O estudo, de caráter qualitativo, exploratório e descritivo, concluiu que a moradia estudantil contribui com o enriquecimento da vida acadêmica, além de apontar para a necessidade de investimentos nesses espaços, especialmente no que diz respeito a aspectos estruturais, valorizando assim seu potencial formativo.

A moradia estudantil como espaço de educação informal igualmente foi abordada na tese de Bezerra (2017), que tematizou a Casa do Estudante da Paraíba como espaço de formação de sujeitos. O autor buscou identificar elementos formativos que influenciaram a trajetória dos estudantes que ali residiram, tendo como foco central apontar as feições dessa formação e como elas acontecem no âmbito daquela instituição, destacando a experiência da moradia estudantil como o lado não visível de um conjunto de práticas educativas.

Seguindo com o inventário de estudos que tematizam a residência estudantil, a pesquisa de Hinterholz (2017a) trabalhou com memórias de antigos moradores da Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (Ceuca), de Porto Alegre-RS¹⁵. Trata-se de uma instituição autônoma fundada em 1934, no seio das organizações estudantis em prol da democratização do acesso ao ensino superior e com inspirações do ideário do Manifesto de Córdoba (1918). Posteriormente, a entidade receberia como doação um prédio da família de Aparício Cora de Almeida, para lhe servir de sede para a Casa. Militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e secretário da Aliança Nacional Libertadora (ANL)¹⁶ no Rio Grande do Sul, Aparício morreu em 1935, em circunstâncias nunca bem esclarecidas, com suspeitas de

¹³ A autora assim explica a utilização do termo patrimônio: «A categoria de patrimônio com cunho antropológico, ou seja, como categoria do pensamento, constituída a partir da relação do homem com o espaço, propiciou uma abordagem das relações estabelecidas com o patrimônio universitário através de uma reflexão sobre esta coletividade. E focalizou os bens e artefatos culturais representados pela arquitetura, pelos objetos, pela conjuntura urbana institucional, pela história e pela memória coletiva, como constituintes de um sentido de pertencimento sob a apropriação do espaço no tempo particularizada dentro desta coletividade» (Machado, 2012, p.161).

¹⁴ De acordo com Garrido (2012), a identificação das instituições foi omitida, em conformidade com as recomendações do Comitê de Ética da Universidade Estadual de Campinas.

¹⁵ Sobre, ver Hinterholz (2017a, 2017b, 2018, 2019, 2022)

¹⁶ Foi uma organização cujas bases vinham das articulações promovidas por um pequeno grupo de tenentes, insatisfeitos com o governo de Getúlio Vargas. Identificavam-se com propostas sociais de cunho reformista, cuja intenção era recuperar ideais republicanos. Lutavam contra o fascismo, que, naquele momento, era representado pelo integralismo. Segundo Schwarcz e Starling (2015), a ANL foi «uma frente de massas atuando dentro da ordem constitucional com quatrocentos núcleos espalhados pelo país, capaz de promover grandes campanhas em favor dos direitos de cidadania» (Schwarz e Starling, 2015, p.370).

assassinato político. De um modo geral, as reminiscências examinadas por esta investigação estiveram fortemente marcadas pela ideia da Casa como um espaço de aprendizagens e amadurecimento, proporcionadora de experiências educativas. A atribuição desse sentido educativo emergiu com maior ou menor ênfase e foi elaborada de distintas formas. Embora não tenha sido seu foco, a pesquisa em tela também faz referências à da JUC-7 (Associação Casa de Estudantes Juventude Universitária Católica Casa 7), cuja fundação data de 1949, no contexto das mobilizações da Juventude Universitária Católica por moradia estudantil. Essas ações deram-se a partir da AJUC (Associação da Juventude Católica). Foram criadas em todo país, com a participação direta da Igreja Católica, 23 Casas para servirem de moradia a estudantes universitários.

Outra residência que originalmente possuía vinculação a uma entidade religiosa é a Casa Estudantil Universitária de Porto Alegre (Ceupa). Foi criada por iniciativa de um grupo da Associação dos Ex-Alunos do Colégio Sinodal (AEACS), instituição ligada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) de São Leopoldo, em 1950. Nas décadas seguintes, perderia essa vinculação religiosa, funcionando como instituição autônoma e atendendo a estudantes de todas as instituições de ensino superior de Porto Alegre. O estudo de Almeida (2018), intitulado *Eu sou do interior... eu vim estudar em Porto Alegre: memórias de experiências sensíveis em uma moradia estudantil (1974-1983)*, investiga as memórias de cinco mulheres que, na condição de estudantes, habitaram a Ceupa na referida temporalidade. A autora entende essa residência estudantil como uma instituição educativa, isto é, um lugar que educa os jovens que lá estão, considerando as aprendizagens ali desenvolvidas e que transcendem os espaços formais de educação. Da mesma forma, o estudo defende que a presença feminina nesta moradia representou a expressão da luta daquelas mulheres pela conquista de inserção em novos espaços sociais, através do investimento no ensino superior.

Por fim, trazemos a pesquisa de Costa (2020), que se debruçou sobre o acontecimento que ficou conhecido como a «invasão feminina» na Casa do Estudante Universitário da (CEU-UFRGS), no início dos anos 1980, e as ressonâncias desse episódio em sua estrutura organizacional. A investigação buscou lançar luz sobre um momento histórico de disputa das mulheres pela inserção em novos territórios sociais e pela garantia do acesso e permanência na educação superior. A autora indica ainda que o fato de terem habitado a Casa possibilitou àquelas mulheres o exercício da autonomia e da liderança.

A despeito do caráter assistencial presente na história da questão da moradia estudantil no Brasil, as pesquisas acadêmicas levantadas estão marcadas pelos esforços de inteligibilidade em torno das casas de estudante, tentativas de tradução do vivido, do cotidiano, das identidades ali produzidas, enfim, da dimensão social, política e educativa desses espaços. Nesses enunciados de tipo acadêmico, as residências transcendem a definição de mero alojamento e são enriquecidas por leituras que buscam traduzir os sentidos de um habitar coletivamente.

3. Considerações finais

Olhar para as residências estudantis em perspectiva histórica, a partir do contexto ibero-americano no século XX, permitiu pensar o quanto essas instituições são diversas em suas gêneses, sentidos, públicos-alvo e formas de administração e financiamento. Pode-se afirmar que há uma relação imanente dessas associações com a criação das universidades e os fluxos migratórios daí decorrentes. São formas de mobilização e organização estudantil que lançam luz sobre a centralidade da questão do alojamento e a proteção na forma de assistência do estudante universitário em seu deslocamento territorial. Estudantes estes que, sendo jovens adultos, necessitavam de meios para subsidiar seu ócio estudioso. Se, por vezes, foram fruto de iniciativas governamentais e ou das próprias universidades, em muitos casos a fundação, administração e financiamento desses locais deu-se por iniciativas particulares, mecenatos, grupos políticos, religiosos, de nacionalidade, entre outros laços de comunidade e pertencimento. Diversas também são as nomenclaturas encontradas: *alojamentos, colegios mayores, casas de estudante, residências universitárias, fraternidades*, além do sugestivo nome de *repúblicas*. Em comum, o caráter de organização estudantil, tomando a forma de entidades, associações, corporações ou ainda cooperativas, muitas vezes à revelia das universidades e escapando ao seu controle formal. Com uma história secular, o caso de Espanha nos aproxima da gênese das universidades europeias e da constituição de um modelo – *colegio mayor* - e a coexistência de inúmeros outros tipos/sistemas de moradias, ainda pouco conhecidos pelos historiadores da educação. Marcadas por privilégios, hierarquias e pela constituição de sistema de casta, essas instituições tiveram um impulso importante no cenário universitário a partir da segunda metade do século XX, sendo reiterada a sua tradição pedagógica e como um espaço de formação política e religiosa, que estiveram alinhadas ao regime franquista, mas também influenciadas pelos movimentos de internacionalização e modernidade universitária. Ainda, o caráter associativo reforçou a divisão entre colegiais e não colegiais, que eram rigorosamente selecionados e gozavam, dentre outros aspectos, de status social e profissional.

Valendo-se das experiências destes três países, podemos observar que, apesar das significativas diferenças temporais e tipológicas, os alojamentos estudantis consistiram em espaços coextensivos às universidades, fortemente marcados pela sociabilidade de seus moradores que, em grande parte dos casos, se desloca de cidade ou país para realizar os estudos universitários. No caso do Brasil, embora essas organizações estejam marcadas pela assistência, a história dessas moradias permite pensá-las como espaços de sociabilidade, formação e organização estudantil. Os enunciados, tanto de tipo acadêmico quanto memorialístico, que atribuem valor formativo à vivência nas residências estudantis parecem ligar-se a um discurso mais amplo e capilarizado no tecido social, qual seja, o de uma educação que se dá ao longo de toda a vida. Especificamente quanto aos trabalhos acadêmicos levantados, faz-se necessário sinalizar o modo como interpretam a moradia estudantil para além das noções de assistência ou alojamento, reconhecendo-a em seus múltiplos atravessamentos e como espaço de sociabilidade e formação estendida dos estudantes. Nessas representações e

análises com distintas abordagens e níveis de aprofundamento, compareceram dimensões éticas, políticas e estéticas da partilha do espaço habitado. Tentativas de apreensão de uma vida universitária extra-muros, uma vida que parece escapar ao saber educacional racionalizado e formalmente avalizado.

Acreditamos que uma mirada para essas histórias pode nos informar sobre arranjos políticos complexos, envolvendo distintos grupos sociais e perpassadas por relações de poder, imaginários, construção de identidades e memórias. Ademais, através da história das casas, seria possível tensionar os enfoques clássicos sobre as formas de organização e engajamento coletivo dos estudantes e reconhecer essas entidades em sua dimensão histórico-educativa. Entender, portanto, a história das residências estudantis como parte importante e indissociável da história das universidades e dos movimentos organizados de estudantes, na medida em que são expressão de práticas do universo acadêmico e um legado do passado a ser apropriado e socializado.

4. Fontes:

Impresso *Sem Rodeios (3ª edição) – Órgão de divulgação dos moradores das Casas de Estudantes da Secretaria Sul. Relatório do SNI sobre III Encontro Nacional de Casas de Estudantes (1978)*. Arquivo Nacional.

5. Referências

Almeida, D. (2018). Eu sou do interior... eu vim estudar em Porto Alegre: memórias de experiências sensíveis em uma moradia estudantil (1974-1983). *Educar em Revista*, 34, pp. 259-278. <http://doi.org/10.1590/0104-4060.59227>

Andrade, I. B. L. de. (2014). *Repúblicas Universitárias: Uma Estratégia para a Regeneração Urbana de Coimbra*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Bescansa A. (1952). Introducción histórica – Origen de los colegios mayores. In: Lascaris C., *Colegios Mayores*. (pp.XI-XXIX). Madrid: Ediciones de Cultura Hispánica.

Bezerra, F. C. (2017). *A Casa do Estudante da Paraíba como espaço de formação de sujeitos (1963-1980)*. (Tese inédita de doutorado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa -Brasil.

Carabias Torres, A. M. (2013). Evolución histórica del Colegio Mayor del siglo XIV al XXI. *REDEX – Revista de Educación de Extremadura*, n. 5, pp.66-88. Acesso em 10 de julho de 2021 de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4491400>.

Carreiro, T., Madeira, M. (2009). *Um Por Cem - um Olhar Sobre As Repúblicas de Coimbra*. Lisboa: Editora Afrontamento.

- Castillo, R. (1968). El Colegio Mayor y la apertura a la sociedad. *Revista Cisneros*. n. 1, pp. 47-49.
- Costa, F. P. da. (2020). *Em busca de um teto todo seu: A presença feminina na Casa do Estudante Universitário da UFRGS na década de 1980*. (Tese inédita de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – Brasil.
- Díaz Hernández, O. (2007). Las revistas culturales en España de la posguerra (1939-1951: una aproximación. *Cuadernos del Instituto Antonio Nebrija*, 10, pp. 201-224. Acesso em 30 de maio de 2021 de <https://e-revistas.uc3m.es/index.php/CIAN/article/viewFile/1175/493>
- Ermel, T. de F. (2021). Los Colegios Mayores en España (1960): gestión y participación de los estudiantes a través de la prensa universitaria. *History of Education & Children's Literature*. XVI (2). 405-424.
- Ermel, T. de F., Igelmo, J. (2022). Os Colegios Mayores como espaços de modernização do Ensino Superior espanhol na década de 1960: o caso do Colegio Mayor Universitário Casa Do Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, V. 27, 1-26. <http://doi.org/10.1590/S1413-24782022270046>.
- Escolano B. A. (2017). *A Escola como Cultura: experiência, memória e arqueologia*. Campinas: Editora Alínea.
- Foucault, M. (2010). *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes.
- García, J. (2005). El modelo «boloñés» de Universidad imagen jurídica e historiografía. In: Rodríguez San Pedro, L.E., Polo Rodríguez, J.L. (eds). (pp.13-66). Universidades clásicas de la Europa Mediterránea: Bolonia, Coimbra y Alcalá. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- Garrido, E. N. (2012). *Moradia estudantil e formação do(a) estudante universitário(a)*. (Tese inédita de doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas – Brasil.
- Gil, M. (2015). Residencias universitarias: historia, arquitectura y ciudad. (Tese inédita de doutorado). Universidad Politécnica de Valencia, Valencia- Espanha.
- Hinterholz, M. (2017a). O Lugar onde a Casa Mora: *Memórias sobre a Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida CEUACA (1963-1981)*. (Tese inédita de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil.
- Hinterholz, M. (2017b). Tácitas e Marginais: memórias das Casas De Estudante Autônomas de Porto Alegre e as Possibilidades para a História da Educação. *História da Educação*, v. 21, 435-448. <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/68750>
- Hinterholz, M. (2018). Gringos versus Comunistas: uma mirada sobre a Ditadura Civil-Militar no Brasil a partir da Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (1963-1981). *Espacio, Tiempo y Educación*, v. 5, 139-157. <http://dx.doi.org/10.14516/ete.210>

- Hinterholz, M.; Almeida, D. (2019). A moradia estudantil como espaço de formação: memórias sobre a Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (1963-1981). *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 19, 1-25. <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v19.2019.e055>
- Hinterholz, M.; Almeida, D. (2022). Universidade em disputa: ecos dos itinerários de Aparício Cora de Almeida no tempo presente (Porto Alegre - RS). *Educar em Revista* V 38, 1-23. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0411.80399>
- Lascaris C. (1952). *Colegios Mayores*. Madrid: Ediciones de Cultura Hispanica.
- Le Goff, Jacques. (2019). *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympo Editora.
- Machado, J. T. (2012). *Em busca de um mesmo «CEU»: Estudo Antropológico sobre (Ex) Moradores da Casa do estudante da Universidade Federal de Santa Maria*. (Tese inédita de mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – Brasil.
- Machado, O. L. (2014). *Repúblicas Estudiantis de Ouro Preto e Mariana: Percursos e Perspectivas*. Frutal: Prospectiva.
- Magalhães, J. P. de. (2004). *Tecendo Nexos: história das instituições educativas*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco.
- Martín Hernández, F. (1989). Los colegios menores. In: Fernández Alvarez, M; Robles, L.; Rodriguez San Pedro, L. E. *Revista de historia moderna. La Universidad de Salamanca. Historia y Proyectos*. Salamanca.
- Martins, A. P. V. (1992). «Um lar em terra estranha»: a aventura da individuação feminina. *A Casa da Estudante Universitária de Curitiba nas décadas de 50 e 60*. (Dissertação inédita de mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba – Brasil.
- Moya, C. (2016). *Colegio Mayor San Juan Ribera*. In: Colegio Mayor San Juan Ribera (1916-2016). (pp.9-17). Valência: Ed. *Colegio Mayor San Juan Ribera*. Acesso em 15 de julho de 2022 de <https://www.sanjuanderibera.es/wp-content/uploads/2017/05/dossierSanJuande-Ribera.pdf>.
- Pedrosa-Avelino (1963). Al habla con...D. Fernando Reinoso. Exdirector del Colegio Mayor San Bartolomé. *Revista Anaya*, n. 3, 1963, s/p.
- Pinto, C. R. J. (1989). *Com a palavra o Senhor Presidente José Sarney: ou como entender os meandros da linguagem do poder*. São Paulo: Editora Hucitec.
- Prata, M. A. C. (2002). *Academia de Coimbra (1880-1926): contributo para a sua História*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Rashdall, H. (1895). *The Universities of Europe in the Middle Ages*. Oxford: Oxford at the Clarendon Press.

- Ribagorda, Á. (2010). *La Residencia de Estudiante. Pedagogía, cultura y proyecto social (1910–1939)*. (Tese inédita de Doutorado). Universidad Complutense de Madrid, Madrid-Espanha.
- Ribeiro, A. (2020). *Perspectiva histórica da República de Coimbra*. Universidade de Coimbra. Acesso em 31 de agosto de 2020 de <https://www.uc.pt/rualarga/antecedentes/19/16>.
- Rodríguez-San Pedro, L.E. (1983). Pupilajes, Gobernaciones y Casa de Estudiantes en Salamanca (1590-1630). *Studia Historica. Historia Moderna*, 1, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 185-207
- Rodriguez, J. (1964). Situación actual de los universitarios hispanoamericano en Salamanca. *Revista Anaya*, n.5, 1964, s/p.
- Rupérez, M. N. (2003). *El Colegio Mayor de San Bartolomé o de Anaya*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- Salata, A. (2018). Ensino Superior no Brasil das últimas décadas: Redução nas desigualdades de acesso?. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, 30, 219-253.
- Sánchez, C. (2011). *El Colegio de Bolonia (1788-1889)*. (Tese inédita de doutorado). Universidad Complutense de Madrid, Madrid-Espanha.
- Schwarcz, L. M., & Starling, H. M. (2015). *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ullman, R., Bohnen, A. (1994). *A Universidade: das origens à Renascença*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS.
- Vásquez, R. (2012). *Mujeres y educación en la España contemporánea. La Institución Libre de Enseñanza y la Residencia de Señoritas de Madrid*. Madrid: Akal.
- Veci, L. (2021). *Educación Nacional: trayectoria política de José Ibáñez Martín (1914-1958)*. Tese inédita de doutorado. Universidad de Navarra, Navarra-Espanha.
- Viñao, A. (2000). A modo de prólogo: Refugios del yo, refúgios de otros. In: Mignot, A. C. V., Bastos, M. H. C., Cunha, M. T. S. *Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica*. (pp.9-15). Florianópolis: Mulheres.

